

CARREIRA, Antonio — QUINTINO, Fernando — *Antroponímia da Guiné Portuguesa*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1964 (1967) e 1966 (1970). 2 vols. (Memórias n.º 49 e n.º 52).

Os autores, antigos funcionários administrativos coloniais, atualmente realizando pesquisas de índole etnológica sob direção do Prof. Jorge Dias, trabalharam durante trinta anos na Guiné, o que lhes deu uma vivência com problemas indígenas, assaz importante.

O estudo resulta de inquérito levado a cabo em 1945 sobre antroponímia e toponímia gentílica por iniciativa do Prof. Antônio de Almeida a quem coube a elaboração do questionário original. Êste vem reproduzido no final do livro juntamente com outro, muito mais objetivo e preciso, que data de 1952, organizado por D. Lifchitz. O inquérito foi aplicado por funcionários administrativos em 38 postos indígenas e incidiu sobre treze grupos étnicos: fula, mandinga, biafada, nalu, cassanga, banhum, fleupe, manjaco, brame, papel, balanta, balanta-mané e bijagó. Foram escolhidos 9516 nomes a saber: 8.104 nomes próprios, 307 apelidos, 608 nomes acrioulados, 368 nomes mistos, e 129 alcunhas, sem contar os nomes clâncios, sobrenomes e designações de classes etárias. O maior número de antropônimos foi coletado entre os manjacos, balantas, bijagós e fulas.

Para a conceituação da antroponímia, que ocupa a maior parte da Introdução, valeram-se os autores dos estudos de Leite de Vasconcelos e Xavier Fernandes. Em que pese o valor e a clarividência destes dois filólogos não vislumbramos as razões por que foram ignorados os inúmeros trabalhos correlatos divulgados pelo Institut Français d'Afrique Noire e os publicados nas atas dos congressos internacionais de ciências onomásticas. Nosso comentário nada invalida o capítulo. E' certo que deparamos com muitas asserções interessantes como aquela que pondera sobre o valor sócio-cultural do antropônimo. Como exemplo transcrevemos pequeno trecho da página 37: "Mas é sobretudo na Guiné, entre povos animistas, que os nomes evocam aspectos sociológicos por forma mais gritante. Raros são os nomes que não estejam relacionados com o modo de viver e de agir desta gente"

Como complemento à Introdução são apresentados aspectos da vida cultural dos povos da Guiné onde é dado especial realce ao estudo da família e da sociedade.

Para os autores a família é a célula básica de tôdas as sociedades. Por êste motivo iniciam o estudo dos antropônimos, analisando primeiramente os nomes designativos da família nos diferentes grupos e os nomes que se dão a conhecer, uns aos outros, seus componentes etc.

Na apreciação dos fenômenos antroponímicos os aspectos mais considerados são: grau de "islamização" e persistência de integração no animismo. Foram também reservadas rubricas especiais para os nomes designativos de posições, nomes clânicos

ou de geração, nomes de classes etárias, de castas, de classes profissionais, etc., e também rubricas que dizem respeito a uma série de fenômenos ligados à antropônimo como idade de imposição do nome, iniciativa da escolha, natureza específica de alguns nomes (nomes de gêmeos, nomes temporários, nomes supersticiosos, etc.).

A “Análise minuciosa dos antropônimos recolhidos” (p. 117-414) constitui, a nosso ver, a parte mais importante da obra, onde são encontrados elementos da mais alta valia. Aí são estudados os nomes dos grupos islamizados e dos grupos animistas, os nomes mistos de vocábulos árabes, arabizados e nativos, os nomes buscados no hagiológico e no vocabulário onomástico europeu e crioulo, aqueles usados por cristãos nativos, os segundos nomes e nomes patronímicos, os nomes de guerra, etc.

As páginas finais do primeiro volume são dedicadas à utilidade do estudo da antroponímia do ponto de vista político-administrativo e sócio-cultural.

Todo o segundo volume é destinado a um índice deveras alentado e pormenorizado. Ali há listas de nomes próprios e de apelidos usados por fulas, mandingas, cassangas, manjacos, brames, nalus, balantas, papeis, etc. Seguem-se as dedicadas aos nomes crioulos e nomes portugueses usados pelos negros.

#### ERASMO D'ALMEIDA MAGALHÃES

\* \*  
\*

SIEBS. Deutsche Aussprache. Reine und gemässigte Hochlautung mit Aussprachewörterbuch. Hrsg. von Helmut de Boor, Hugo Moser und Christian Winkler. 19. umgearbeitete Auflage. Berlin, Walter Gruyter & Co., 1969. 494 pgs.

Em 1898 uma equipe de lingüistas e de representantes do teatro, tendo à frente o germanista Theodor Siebs, publicava o primeiro dicionário de pronúncia da língua alemã. Seu título original, “Deutsche Bühnenaussprache”, correspondia exatamente ao âmbito inicial da obra. Baseados no levantamento da pronúncia então em voga nos palcos alemães, os autores se haviam proposto apresentar uma descrição sistemática da mesma, visando à uniformização da pronúncia teatral na Alemanha. Em 1922 acrescentou-se ao título a expressão “Deutsche Hochsprache”, consagrando a pronúncia do teatro como padrão para a língua culta.

Mas 1969 veio a lume a 19.<sup>a</sup> edição, ampliada e reformulada. O título foi alterado: o termo “Hochsprache” foi substituído por “Hochlautung”, mais adequado à obra, já que “Hochsprache” designa não só a pronúncia mais cuidada, mas também os aspectos morfológicos, sintáticos e lexicais da língua.